

Redação, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sprado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Dirigir toda a correspondência ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A LANTERNA

ANTICLERICAL E DE COMBATE

Dr. Salvador Moya
Dr. Pedro Vinente 58-A
S. Paulo

APARECE AOS SABADOS

ASSINATURAS:

ANO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ARIANTADO

Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Corteio.

Mais um Julio

Não havia cessado ainda a impressão profunda que causaram no espirito da boa gente carioca as profecias do padre Julio Maria, anunciando a segunda vinda de Cristo, e eis que outro padre Julio nos surge na arena, lá na fronteira portuguesa, querendo revirar de perna para o ar, pôr por terra, tudo á mostra, envergoadada e abandonada de todos, a maldita República lusitana.

Querem conhecer o homem? Aqui vai o seu manifesto publicado no Correio da Manhã de 5 do corrente.

El-lo:

«A'S ARMAS!!!

Por Deus! Pela nossa Pátria! Pelo nosso Rei!

Al iremos com o auxilio de Deus, e varreremos de lá para fóra, e por uma vez, essa canalha maldita, que em nome do demonio nos quer governar e arrastar.

Quando nos virdes em Portugal, levantai-vos todos como um só homem, e ao lado do invencível Paiva Couceiro, arvorar outra vez nos Paços do vosso concelho a verdadeira Bandeira da nossa Pátria — a nossa Bandeira azul e branca — que essas feras fizeram substituir por um trapo — por um frangalho verde e vermelho — simbolo de desespero, de perseguição, de tirania e de sangue...!!!

Nada mais vos direi, porque sei que falo a um povo crente e que ama a sua pátria!

E' nossa com toda a certeza, a vitória! Pois nunca o demonio poderá vencer o seu Senhor!...

Muita coragem e nada de temer as grotescas arremetidas desses gatos pelados, que querem roubar-nos a nossa Fé, e escravizar e perder o nosso bom povo, que, como um leão que acorda, se levantará indómito para os fazer desaparecer!

Ainda não acabou. Tem mais. Escutem:

«Não somos ateus! Somos crentes! Não somos escravos! Somos livres! Muita coragem! Caminhemos sempre para a frente! E eu, apesar de já um pouco alquebrado, vos darei o exemplo! E se me virdes recuar, um passo só que seja, não me poupei, e farei-me cair imediatamente aos vossos pés!...

Deus está conosco e por isso não temos que duvidar da certeza do nosso triumpho!»

Um pouquinho mais de paciência. Vai terminar:

«Herceãs, mulheres, rapazes e crianças! — tudo, todos para o meio da rua — tudo ao lado da Cruz — tudo é todos ao lado da nossa querida Bandeira azul e branca, que, na eloquente frase do nosso intrepido herói e invicto salvador Paiva Couceiro «já sabe de cór o caminho da vitória».

Avante e não temer! Adeus e até lá. — O vosso exilado amigo, padre Julio Candido Cesar.»

Que tal o Julio Candido? Não-de ver como é, com a cruz em uma das mãos e a espada na outra, com Couceiro ao lado, abrira, desde a fronteira da Espanha até Lisboa, a estrada que levará ao trono o mimoso rei Manuel, o petit roi Chéri dos boulevards parisienses.

O Correio transcreve do Primeiro de Janeiro, do Porto, as informações sobre o futuro governo provisório monárquico, e

os personagens aos quais caberão os diversos cargos.

São estes os ocupados pelos seraficos ministros de Cristo: Justiça e Negocios Eclesiásticos, padre Manuel M. de Sá Pereira, reitor de Caminha.

Governadores civis: de Viana, padre José Joaquim Soares Borfido; de Braga, padre Manuel Joaquim Gonçalves.

Administrações de concelhos: Valença, padre Serafim Augusto da Cruz; Caminha, padre Manuel Joaquim Lopes; Viana do Castelo, padre Sebastião Pinto da Rocha; Guimarães, padre Julio Cesar Fernandes; Paredes de Coura, padre Antonio Joaquim Pereira; Ponte da Barca, padre Francisco Antonio Soares da Silva; Santo Tirso, padre José A. da S. Silva Azevedo; Filgueiras, padre Albino José Peixoto; Poços de Ferreira, padre Firmino Barbosa de Miranda; Paredes, padre Francisco da Cunha Lima; Povoia de Lanhoso, padre Adelino da Costa Gaitte; Famalicão, padre Joaquim Dias Costa.

Por enquanto, é só! Ah! o Correio tem dado sorte a valer. A sua edição do dia 5, dizem, esgotou-se completamente, tal a procura que teve, porque todos queriam possuir o manifesto de Julio Cesar. Foi tanta a alegria, que ainda hoje perdura, que o vinho tende a subir de preço, porque nestas occasiões não se bebe parati nem cerveja morca barbante. E' só do fino e do bom.

Que se agüente tambem no balanço a gente do diabo, os gatos pelados cá de casa. Uma prova disto já teve o Prestes na noite do mesmo dia em que foi lançado aos quatro ventos o famoso manifesto do novo paladino luso. A explosão do entusiasmo e da alegria seguiu-se logo, com diferença apenas de horas, a explosão de Copacabana, na toca mesmo da fera.

Já começou, portanto, a dançar As oficinas onde se fabricava a brutal, em Portugal, foram varejadas e tomadas, ha dois anos, pelos carbonários, porém os artifices aquil estão sob a guarda de Cristo e da Virgem, neste paiz que é seu. Não o afirmou o profeta Julio?

«O Brasil pertence a Cristo, tem ao mesmo direito de posse. Tira o Brasil esta religião, é expulsar Deus.»

Portanto, quem não for católico, mesmo que aqui tenha nascido ou constituído familia, é um inimigo, tem de ser tratado com um réprobo, como um cancro que só o ferro pode extirpar, como fôco perigoso de peste assoladora que só pelo fogo pode ser destruido.

Os dois Julios, o Maria e o Cesar, são dois camaradas com quem não se brinca. O que eles dizem pode-se dizer que dá certo mesmo.

Logo, a restauração da monarchia portuguesa e a vinda de Cristo não podem fallhar: é só esperarmos um pouquinho mais!

O diabo é que depois será a fim do mundo!

—O' reverendos, sabem o que está aqui ao lado alguem a dizer, salvo o vosso respeito! E' que vossas reverendissimas andam p'ral a nos passar o conto do vigário!

Adrecoal. Rio, 7-7-912.



NO 830

É representante da Lanterna no Rio e nosso amigo Cecilio Villas, que poderá ser encontrado á rua do Bonfim, 190. Da cobrança das assinaturas está encarregado o companheiro Santos Barbosa.

«E olhei, e ouvi uma aguiá que voava pelo meio do ceu, dizendo com uma grande voz: «Ai, ai, ai dos que habitam sobre a terras.»

(O APOCALIPSE HA DOIS MIL ANOS E O PROFETA JULIO NO SÉCULO XX).



— Tremel, ó vós que ousastes pôr em dúvida a santidade dos Faustinos!...

CONFETIOS BIBLICOS

Por motivos particulares, tire a confeitaria fechada durante muitas semanas, deixando de servir ao leitor estes singelos confetios, em cuja preparação não entram ingredientes caros e indigestos (exegese scientifica, mitologia comparada, etc.), mas apenas a troça leve. Coisinhas para entreter os dentes e o paladar, não para encher a barriga e dar gordura.

Recomecemos, pois, visto que já houve tempo para passar o enjoo...

Entremos agora no Exodo, que querendo por sinal, dizer «saída», ha-de ter bem difficil entrada!

Depois da morte daquelle grande anório do José, que adivinhou com uma taça, os descendentes de Israel instalados no Egipto continuaram a crescer e a multiplicar-se como formigas, e também como formigas a trabalhar, mas não como elas por conta própria.

Um rei que não conhecia o adrinho da taça, teve medo do número, força e laboriosidade dos hebreus e determinou um acréscimo de rigores, de vexames e de exploração. Os israelitas foram empregados nas tarefas mais rudes e mortíferas, na construção de cidades e na lavoura. Mas a tal «multiplicação» continuava velozmente!

Então o rei ordenou ás parteras dos hebreus, Séfora e Fua, que matassem todos os recém-nascidos do sexo masculino. Mas as mulherzinhas, tementes a Deus (que entretanto não livrava o

seu povo da exploração e dos vexames), não cumpriram a ordem, explicando que as hebreias se sabiam partear a si próprias.

Para pagar esta boa acção, Deus estabeleceu ás parteras as suas casas, isto é, instalou-se com os confortos mais modernos, aparelhos perfectos, automovel, linda taboleta á porta com um belo bébé pintado e os dizeres, em hebraico: «Séfora e Fua, parteras de r.ª classe, diplomadas pelas Universidades de Berlim e de Paris».

E fez muito mais: recomendou vigorosamente ao seu povo o seu famoso «crescei e multiplicai-vos». Esse bom povo que, segundo mais oprimido, mais se multiplicava, «cresceu e fortificou-se extraordinariamente!» A parteras não tiveram mãos a medir!



Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

Em assembleia geral realizada no dia 4 do corrente, foram eleitos:

- 1.º secretário, o actual 2.º, sr. Carlos Augusto de Lacerda; 2.º secretario, o sr. Amílcar Boni; membro da Commissão Administrativa, sr. Herculano dos Santos.

Continuam as palestras todas as quintas-feiras, depois das sessões.

EM BAURU' Um repto aceito e... recusado

Qual a verdadeira origem do Cristianismo?

Esfalfam-se os apologistas cristãos, numa dialectica que tem muito de malabarista a desengonçar-se em trejeitos clounecos, em pretender demonstrar a origem divina da ferocissima seita de que são prosélitos.

Aduzem argumentos tresandando a uma metafisica onde o bom senso se obscurece por completo, e, fallhando-lhe totalmente sólidas bases em que deviam architectar o carcomido edificio de suas crenças, apêlam para o milagre, fantástico e sombrio refugio onde se acoita, temendo a luz, a evangelical ignorancia.

Mas em história o milagre foi banido, ainda que contra esse lógico e racional processo clamem, furiosos, os sacros ministros dessa religião que tem sido a causa dos maiores flagellos que têm dizimado a infeliz humanidade. Banido o milagre o que nos resta é demonstrar, pelos conhecimentos que nos são ministrados modernamente pela psicologia, que o cristianismo surgiu no mundo por causas diversas que apontaremos, mas nunca em cumprimento a um pretenso édito divinal.

Historicamente, é impossivel determinar a era exacta em que a perversa e fatídica religião missionaria começou a formar-se. O que existe anteriormente á forjicação dos evangelhos, é um conjunto de lendas, poéticas e belas umas, outras absurdas e irritantes, porque ofendem a rudimentar instrução dum cérebro mediocremente desenvolvido. São novêlas em que vemos pombas, representando o santo espirito, confabularem com os predestinados. São trágicas, schakespeareanas scenas em que o furor divino rápida e impiedosamente castiga, com estranhos golpes que escapam á sciencia hipocritica, os pototados que ousam punir os desmandos, as desordens, que praticam os que seguiam os ensinamentos do fantástico rabi da Galiléa. Nos coliseus, em que se vai presenciar o horrído espectáculo de feras devorarem homens, estaca-se ante a mansidão repentina dum tigre que recusa a presa que lhe ofereciam, antes vai anichar-se, passivo, como um cão fiel, aos pés do individuo condemnado ao supplicio! Era um milagre! Nas fogueiras, as chamas, lambendo as carnes dos mártires-cristãos, não chegam sequer a tostar-lhes as carnes. Antes estes sorriem triunfantes, e, extinto o fogo, os cristãos surgem mais belos, mais cheios de vida, a enervarem o ambiente com o capitoso perfume de santidade! Tal é a pretensa veracidade histórica com que se pretende provar a origem divina do divo cristianismo... Socorrem-se, ainda, os arautos dos evangelhos da profecia. A destruição de Jerusalém foi predita pelo Nazareno que, contemplando o templo, com ares demagógicos, afirmou que não ficava pedra sobre pedra... E' o primordial argumento.

Antes dessa época, a literatura cristã anterior ao meiodo século segundo é escassa e fragmentária — confessa George Tarck Fisher («Manual de evidências do cristianismo», pags. 38 e 39) — e, portanto, o pretender estabelecer, exactamente, o surgimento sobrenatural dessa religião é tão irracional de difficuldades intransponiveis quanto seria o desejar-se fixar-lhe historicamente a data do seu aparecimento. Neste caso, repelem-se as duas fontes. A origem divina é uma lenda. A origem histórica é um enigma.

A autenticidade dos evangelhos é improvavel. Os próprios apologistas do messianismo, e mesmo um escritor sagrado, são acordes em afirmar que muitos escreveram as maravilhas operadas por Jesus. Lucas, nos tres primeiros versiculos de seu escrito, o assegura, e por isso éle tambem se julgou no direito de contar uma história, muito semelhante ás das «Mil e uma noites», que em nossos dias ainda fazem estarecer de pavor ou as emocionam agradavelmente as crianças, que jazem sob um péssimo, nefasto e prejudicial regimen educativo.

Lucas não diz quem foram os muitos que o precederam na narrativa dessa lenda, e os exejetas são obrigados a aceitar que de facto existiram, ignorando, porém, os seus autores e desconhecendo as datas em que tais anedotas appareceram. (Rev. Marcus Dodd — «An introduction to the New Testament» — pag. 8).

Desconhecem-se os processos que se adoptaram para seleccionar apenas quatro evangelhos dos muitos que pululavam. Não se pode dizer com consciencia que os aceitos hoje é que sejam realmente canónicos e que os innumerables restantes sejam apócrifos. Será uma injustificavel ousadia asseverar que Mateus, Marcos e Lucas foram impeccáveis ao escrever as mirabolantes proezas do seu mestre. Apesar dos três discordarem de pontos principais da vida do rabi, como sejam seu nascimento e sua morte, comtudo, em algumas páginas se accordam e se repetem. E isto não é de estranhar quando se souber que era velha vesania oriental «alterar arbitrariamente a redacção dos textos por que a reprodução literal das narrativas anteriores, ou, milhor ainda, porque o PLAGIATO é a regra geral de historiographia» (Renan, Evangelhos, int. pag. IX).

O costume pernicioso dos apóstolos foi seguido pelos primeiros padres da Igreja. Ceiso, na sua inflamada e justiceira guerra ao cristianismo, censurava, acremente, a mania de seus ministros que, para poderem responder ás objecções que se lhes opunham, não hesitavam em falsificar o texto primitivo dos evangelhos (Origenes — «Contra Celsum», lib. II, p. 27). Para ratificar ainda este conceito, por felicidade quasi que admitido geralmente por todos os exejetas que não se do-

bram, servilmente, às imposições infalíveis de papas ignorantes, basta recordar as interações, as adulterações, praticadas por Eusebio, o primeiro historiador da Igreja, — para, à custa dessas infâmias literárias, poder dar fóros históricos às lendas plagiadas e atribuídas a esse mito que tem sido toda a nossa desgraça, qual seja Jesus.

E não se busque a prova nos modernos estudos cristiógrafos, que terminam, depois de uma argumentação vigorosa, pela negação da existência do seu principal personagem. Vamos buscalá-la em Renan, tão difamado pelos cristãos, mas a quem sempre se apegam quando querem enaltecer o seu idolo. Renan, naquele seu estilo tão belo e na sua maneira tão carinhosa de apreciar os acontecimentos do cristianismo, depois de romantizar, suavemente, o Jesus de Nazaré, quando chega à parte real em que tem de basear-se em dados positivos, numa franqueza em que se percebe um tocante sentimento, afirma-nos que a história, pouco ou quasi nada diz do protagonista que tão linda e poética mente idealiza. Os gregos desconheciam Jesus, Filon, seu contemporâneo, não o mencionava, e Josefo, que sobreviveu a Cristo alguns anos em que se lhe fixa a data de sua morte, — Josefo, tão minucioso e tão honesto nas suas «Antiguidades Judaicas», narra a morte do Nazareno em algumas linhas, estas mesmo alteradas, piedosamente, por mão cristã (Renan — Vie de Jesus cap. XXVIII — pags. 458-459).

Ante as lendas e perante a falsificação da historia, em face mesmo da ignorância dos padres que nada sabem acerca das eras apostólicas e o pouco que sabem é redondamente erroneo, pode precisar-se a data, rigorosamente exacta, em que se desenvolveu o cristianismo? Absolutamente. Sabe-se apenas, infelizmente, que se alastrou em Roma como uma chaga purulenta. Como foi que ali se introduziu? Depois da destruição de Jerusalém, os judeus espalharam-se. Expulsos da terra que sonharam deveria dirigir o mundo, os judeus, cada vez mais firmes na sua convicção de que o Messias viria, iam-se espalhando por alguns países e uma forte pleiade se dirigiu a Roma. Como se deu a sua separação da lei mosaica para se adaptarem às doutrinas que se diziam oriundas de Cristo? Também não se encontra uma explicação satisfatória. Atribue-se a Paulo, que alguns exegetas eminentes não tergiversam em considera-lo como o verdadeiro fundador do cristianismo e que conseguiu, graças à sua altiva eloquência, fazer com que os judeus acreditassem que, de facto, o Messias já tinha vindo.

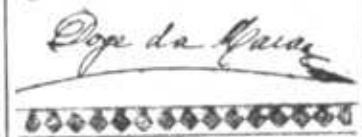
Seja como fór, o facto é que Tácito («Annae» lib. 15 paragrafo 44) narra-nos que os adeptos dessa superstição que começava a surgir em Roma, e que o vulgo chamava cristã, foram processados e perseguidos por Nero, por causa de seus malefícios, e porque eram considerados como incendiários e inimigos do género humano. Também se afirma que esta passagem de Tácito, da qual apenas tiramos algumas linhas, foi grosseiramente falsificada. (Bossi — Gesù Cristo non è mai esistito, pag. 36). Mas seja como fór, aí temos um indício, ainda que palido, da internação do cristianismo em Roma. A seita foi criando prosélitos. Alastrou-se primeiro nas classes pobres, iniciando a sua casuística jesuítica que a levaria, dentro em breve, a aliar-se aos potentados.

Roma chegou ao auge de seu poderio e preciso se tornava que regressasse. Foi quando viu contra si o mundo inteiro. As aguias romanas, tonteadas pelo esplendor de suas glórias, começaram a tomar feridas. Lavrava o desanimo e imperava o deboche. Os romanos de espirito cultivado entre-avam-se às disputas filosóficas. A plebe, vendo que o politismo já não satisfazia o seu idealismo, abraça, sem discernimento, a seita que lhe assegurava, após a morte, um lugar de bemaventurança numa ignota região, de onde jorram, em torrentes caudalosas, leite e mel. E os pobres, atormentados pela mi-

seria, aceitam a religião que lhes promete fartura. Constatino, o sanguinário e hipócrita, mantendo-se fiel ao paganismo, mas aceitando, por interesse politico, o messianismo, decreta a sua adopção official.

Triunfava o cristianismo. E o que então vai succeder é horrível, é espantoso. As novas crenças, sentindo-se fortes, armam o braço do poder e instigam à perseguição. Os templos do paganismo são destruídos. Os adeptos do paganismo são obrigados, a ferro, a dobrar os joelhos ante o novo idolo. Os filósofos vêm-se emmuddados, suas obras queimadas. A igreja nascente fazia mal a luz. Era necessário que as trevas tudo obscurecessem, à semelhança daquelas que toldaram o céu de Jerusalém quando da suposta morte do seu deus. Tudo ennegrecceu e pelos seculos além se estendeu o sombrio manto do seu poderio, porque era necessário que, sob as trevas, o cristianismo dominasse cegamente, estimulando a ignorância, levantando hosannas à mortandade dos herejes e que essas trevas, de que se ufonava, só se atenuassem frouxamente quando os rubros clarões das fogueiras crepitantes indicavam que mais um revoltado pagava bem caro a ousadia de ter procurado a resplendente luz da verdade.

E deduzo disto o valente vigário de Baurú que a sua religião é de origem divina.



O Cavaleiro de La Barre

Era filho de um antigo tenente-general do exército e sobrinho de Mme. Palincourt, abadessa do mosteiro de Abbeville.

No ano de 1766, La Barre, com a idade de 19 anos, passando um dia, com alguns amigos, entre os quais d'Etallende e Moinel, pela ponte nova d'Abbeville, derrubou um Cristo de pau que lá estava collocado. Um inimigo particular da abadessa denunciou-a como acolhendo impios em sua casa, e formulou uma acusação contra o seu sobrinho, como blasfemador e iconoclasta, por ter passado alguns dias antes com seus jovens amigos por uma procissão de capuchinhos sem se descobrir. Esses dois delitos foram prontamente transformados em crimes de lesa-majestade divina e humana; Moinel e La Barre foram presos e imediatamente condenados, bem como d'Etallende, mas este último, por contumácia, a ser-lhe a lingua arrancada, os pulsos cortados, a cabeça decepada e a serem queimados vivos depois de submetidos a processo ordinário e extraordinário.

Esta condenação causou um profundo desgosto. Oito advogados apelaram para o parlamento e tornaram o encargo de provar a nulidade da sentença pronunciada pelo tribunal d'Abbeville. Mas o parlamento confirmou esta sentença, atenuando somente quanto a La Barre o horror do supplicio, ordenando que lhe fosse decepada a cabeça antes de qualquer mutilação.

La Barre sofreu a sua pena com intrepidez. O Dicionário Filosofico de Voltaire, que se alia ser a origem da sua impiedade, foi queimado com o seu corpo.

Vergonha e execração aos seus carrascos!

União dos Sindicatos e a Anarquia

Edição da «Brochura Social» de Lisboa. Elegante opusculo de 16 paginas. Excelente texto do conhecido fundador do sindicalismo revolucionario em França, FERNANDO PELLOUTIER. Preço 200 réis. Pedidos a esta redacção.

«Castro» em Portugal

O nosso representante em Lisboa, annunciando a tratar de todo que se refere a esta f-za, o cidadão Mano Vasco, residente a rua do Nazare, 24, 2.



«Eça de Queirós e Bordalo Pinheiro: uma substituição de pensão — São justas as pensões? — O Senado acha que é indispensavel a legação junto do Vaticano — Não se fiam nos politicos! — Ironias anticlericais dum senador — A expedição dos argonautas rialistas gorada — Couceiro e condenado... de longe — Plano de golpe de Estado abandonado com a formação do ministério — «Ministério de forças»... contra os operarios — A greve do pessoal dos electricos — Greve geral? — A liberdade do trabalho na Inglaterra.

LISBOA, 23 DE JUNHO

Referi há tempos aos leitores da Lanterna que os filhos de Eça de Queirós estavam na Galiza, como soldados de Couceiro. Tomaram parte na incursão que veio até Vinhais, terra natal do regicida Buíça.

Ora a familia do romancista sceptico, gerador de vergontes tão arcaicas, recebia uma pensão do Estado, e os republicanos acharam agora que era excessivo tirar de tesouro publico dinheiro para conspiradores, tanto mais que a viuva e os filhos do literato illustre não precisam desse dinheiro. Para marcar bem o intento do gesto, a pensão foi transferida a favor da viuva e filha de Rafael Bordalo Pinheiro: este foi um grande artista e um demolidor, a sua familia é toda de artistas, os seus filhos, igualmente artistas, conservam-lhe o brilho do nome, e além de tudo, trata-se em pessoas em situação precária. E ainda foi votada uma moção na qual a Camara reconhece o altissimo valor da obra literaria de Eça de Queirós e lhe consagrou a memoria como a dum portuguez illustre, digno da gloria nacional...

A substituição foi sem dvida justa — e poderia mesmo sustentar-se a justiça relativa da supressão de todas as pensões. São porventura pensionados a viuva e filhos miseraveis de todos os trabalhadores, cujo esforço valente e pertinaz é igualmente indispensavel à vida social? Não são equivalentes todas as funções? E não é até a simples literatura (figuraria em regra destinada a uma minoria de ociosos) mais dispensavel que a maior parte do trabalho manual?

Mas numa sociedade em que vigora e domina a separação entre o trabalho manual e o trabalho intellectual, sendo este último considerado como rei e senhor, vão lá convencer os intellectuais dirigentes de que as duas espécies de labor são igualmente necessárias ao desenvolvimento harmonico do ser humano e de que todas as funções indispensaveis se equipalem!

Em quanto os deputados acham que a República não deve dar lenha para se queimar, já os senadores entendem que ela deve poupar... o Vaticano e considera-lo como uma potência. Na Camara tinha sido suprimida por uma pequena maioria a legação portugueza junto da Santa Sé: a coisa foi obtida por surpresa, graças a certos maneios de grupos rivais, e o facto de no dia seguinte não cantarem vitória os vencedores era significativo... Ninguém, salvo meia dúzia de deputados mais anticlericais do que politicos, buscava aquele resultado, milagre inesperado da alquimia parlamentar... Ora o Senado decidiu que a legação fosse mantida e sem dvida prevalecerá esta opinião... Opinião?... Conveniências... razão do Estado... e outros ingredientes. Os politicos não tem opiniões, sobretudo no governo. Os homens sinceros devem organizar-se e exercer a sua acção fora de-lhe (e as vezes contra elles), quaisquer que sejam as promessas que elles façam e a cor politica de que se tinjam.

Os senadores nem sequer admitiram a discussão a proposta cômico-gria dum anti-

clerical, que queria ao menos ver reduzidos os gastos do representante da República leiga e anticongregacionista junto do vigário de Cristo, do chefe espiritual de uma das Igrejas separadas do Estado. Recorto de um jornal:

O sr. Faustino da Fonseca propõe que se reduza a verba de cinco contos de réis para despesas de representação ao nosso ministro em Roma (Vaticano) para... 300.000. Não pôde admitir que ao representante junto do papa se dê mais dinheiro que ao representante junto da grande Republica Americana, da grande e próspera Argentina, do poderoso imperio austriaco, de tanta influencia na politica europea. Nessa conformidade acha desnecessaria tão grande verba para despesas de representação de um ministro portuguez junto do papa. De resto, ainda há bem pouco tempo ouviu dizer dentro daquela sala que o papa representava um alto poder espiritual. Admittindo que elle seja o representante de Cristo na terra, é natural que passe uma vida humilde como elle, e que o ministro portuguez se entregue com elle à penitencia, para expiação dos seus erros anticlericais. Para fazer penitencia precisará o ministro de 3 contos? Não. Tem portanto, a proposta, todo o cabimento.

O Senado achou que o sr. Fonseca estava a caçoar com os seus conspicios colegas...

E noticias dos contra-revolucionarios monarchistas? O telegrapho deve ter relatado, com sufficiente minuciosidade, a apreensão de um navio e armamento destinados a uma argonautica aventura. Projecto e despesas, tudo por agua abaixo. Os tempos modernos não correm de feição para a realização silenciosa e arrojada daquelle género de empresas. Mas a fé tem recursos inesgotaveis...

Paiva Couceiro e outros chefes da incursão monarchica de outubro, esses foram julgados no Porto... a revelia. E' muito provavel que nunca se decidam a vir cumprir a pena, no que andarão enormemente bem. Apesar de general em chefe, Couceiro foi o menos castigado... no papel, em atençao aos seus seus serviços passados... Parece que esses serviços foram prestados na «civilização» dos pretos...

Os ardentes democratas do Porto preocupam-se tão pouco com o Couceiro, conspiradores e suas ameaças, que planeavam tranquilamente nada menos do que um movimento insurreccional, com elementos civis e militares, em vista de se tornar tão demorada a solução da crise ministerial. Pretendiam dissolver o parlamento, que não deixa governar, e colocar no poder a gente capaz de continuar e concluir a obra retintamente democratica de uma republica popular.

Constituiu-se, porém, o novo ministério, que os satisfez, e os bons democratas desistiram então do seu propósito e foram até dar parte á autoridade do que tinham estado a ponto de fazer...

O novo ministério, com effeito, estreou-se bem: convenientemente solicitado pela Companhia dos Electricos, que publicamente o considerou e para ele apelou como um governo de força, está tratando de suofocar a greve pela violência. O pretexto é, naturalmente, a famosa «liberdade de trabalho», isto é, a liberdade generosamente garantida a certos operarios inconscientes, traidores à sua classe, de inutilizar os esforços dos companheiros pelo bem-estar de todos, de furar o direito de greve, que o governo e a lei fingem respeitar. Liberdade de trabalho! Mas se é isso precisamente o que pretendem os grevistas, revoltando-se contra o excesso de autoridade e exploração patronais!

Para garantir o trabalho dos fura-greves, parece em todo caso que as autoridades se deveriam limitar a protegê-los no seu serviço. Pois o seu primeiro cuidado, no dia em que deviam sair os primeiros carros, foi prenderem os militantes operarios, encarcerarem associações, encarcerarem as comissões de vigilância e resistência

dos grevistas. Assim respeitavam o direito de greve, tratando de o destruir, impedindo as reuniões, procurando aterrar e desconcertar os operarios.

Parece que foi resolvida por varias classes a greve geral de solidariedade e protesto, reclamando, como em janeiro, a reabertura das associações e a libertação dos presos. E' possivel que tal greve seja um facto e obtenha exito, sobretudo se a ela se unirem, como se afirma já o terem feito, os ferroviarios. E' possivel que o governo consiga impor-se pela violência e pelo terror.

Mas é certo, de todos os modos, que nos elementos mais activos do operariado (Carfo e Lavrarão a cólera e o ressentimento. Esses elementos são os que fazem greves, mas são também a melhor força politica e social. O governo quer, em troca, adquirir a plena confiança dos conservadores, os quais nunca se batem, e aceitam, no fim de contas, qualquer situação politica...

O governo inglês é mais habil e conhece melhor a força do proletariado, sobretudo quando este... faz sentir essa força. Recentemente os armadores de Pierleat mandaram vir de N. W. port fura-greves para a descarga de navios. Como os grevistas se agitassem, as autoridades locais pediram às de Londres reforços, que foram recusados. Espanto dos patrões. Interpelação no parlamento. Resposta do ministro: «Os patrões mandaram vir esses homens de fora, de proposito para furar a greve: foram eles que provocaram. A policia não deve proteger patrões que promovem a desordem: deve fazer respeitar a ordem e a paz pública.»

Apesar do momento, que é de repressão, o governo inglês ainda é o mais habil... porque o proletariado britânico é o mais forte. That is the question.

Neno Vasco



NO RIO

As conferencias da Liga Anticlerical

Devido às reuniões do Gremio Republicano Portuguez, convocadas á última hora para tratar do atentado de que ia sendo victima o seu presidente, deixou de se realizar no domingo, e não no sábado conforme haviamos por engano noticiado, a 5.ª conferencia da série que a Liga Anticlerical está organizando em refutação ao padre Julio Maria.

Essa conferencia realizar-se-á hoje, ás 8 horas da noite, no salão do mesmo Gremio Republicano Portuguez, falando o dr. Bruno Lobo, professor da Escola de Medicina, que desenvolverá o tema — «A loucura do padre»...

A entrada para esta conferencia, como para todas as que a Liga realiza, é inteiramente gratuita.



Cristo no Juri

A Loja Maçonica União Espanhola lançou, em sua última reunião, um protesto contra a pretensão da carolada, que anda a arranjar para que seja collocada a imagem de Cristo no Juri.

Essa resolução da benemerita Loja foi-nos comunicada pela seguinte carta:

«Secr.» aos 6 de julho de 1912.

Sr. director da Lanterna.

Com a maior satisfação, cumprimento o dever de levar ao conhecimento dessa redacção que, em sessão ordinaria realizada em 4 do corrente, foi aprovado por unanimidade que se lançasse um solene protesto na acta de nossos trabalhos pela attitude dos inconscientes catholicos em terem a petulancia de querer repór a imunda imagem de Cristo no tribunal do juri.

Agradecendo-vos a publicação desse acto, subscrivo-me — Ricardo Navejas, secretario interino.

A MORAL DO CLERO

Um escandalo clerical em S. José da Bela Vista

Os leitores da Lanterna já conhecem, em suas linhas gerais, o facto que vamos narrar, pois dele já nos occupamos em o nosso n. 189, no qual inserimos a carta com que um amigo no-lo comunicou.

Essa noticia saiu, porém, sem a indicação do pessoas e da cidade que lhe serviu de teatro por não termos certeza na occasião da procedencia da carta.

Já por diversas vezes temos recebido denuncias de certa gravidade subscritas por nomes de pessoas nossas conhecidas e que de nada sabiam.

Com que fim se faz isso? Naturalmente para desmreditar o nosso jornal com desmentidos às suas denuncias.

Felizmente até agora temos descoberto as armadilhas a tempo. Devemos, pois, estar alerta.

Poi por isso que publicamos a carta incompleta, a espera de informações mais precisas, que agora já podemos fornecer aos nossos leitores.

Feita esta explicação, passemos ao facto, que é o seguinte.

Eu S. José da Bela Vista, na comarca da Franca, residia há tempos uma senhora, tendo em sua companhia uma mocinha, orfã de pai e mãe, que hoje deve contar 15 anos de idade.

D. Rita Maria Teixeira, que é como se chama a dita sra., logo após a morte da mãe de Maria José, a mocinha, tomou-a sob sua protecção, criando-a e educando-a em sua casa.

Certo dia foi para aquella cidade o padre Nicolau Paolino, que ali se estabeleceu como vigário da parochia, e cuja folha corrida, segunda era voz corrente, já se registavam diversas proezas em questões de conqultas amorosas feitas á maneira padreal.

A mocinha orfã caiu-lhe poucos dias depois sob as suas vistas de sátiro. Farejou uma boa presa e começou a persegui-la. Por meio do catecismo e da confissão arrastou a pobre orfã para o caminho do seu desejo, obrigando-a a frequentar mudamente a igreja, o que ella fazia confiadamente, sem nem sequer suspeitar do intento do d. Juan de batina.

Impoz-lhe uma longa penitencia, obrigando-a a confessar-se todas as semanas para remir os seus peccados...

Duros isto algum tempo. Por meio do catecismo, do confessionario e de orações não tardou a conseguir a satisfação do seu desejo.

E mais uma victima foi registada na historia da devassidão clerical. Restava o perigo do escandalo, que era preciso evitar.

O melhor meio que encontrou foi a ameaça. Começou então a amedrontar a pobre moça. Disse-lhe que ella denunciaria o facto a algum, e a amaldiçoaria, e a sua vida seria depois um tormento. Chegou mesmo a dizer-lhe que se algum soubesse de alguma coisa seria apunhalada.

A pobre mocinha, cheia de medo, aterrorizada, calou-se.

Em breve, porém, d. Rita e seu genro sr. José Alves Pinto, desconhecendo da crecente gordura da orfã, interogaram-na a respeito.

Maria José nada disse, e como ella foi sempre cheia de corpo, não lhe foi difficil desculpá-la. Depois disto o sr. José Alves Pinto mudou-se para S. Joaquim, certo, entretanto, do estado da gravidez da orfã.

Passados os nove meses, o escandalo tornou-se publico: a mocinha deu à luz o filho do padre Nicolau Paolino.

Interrogada por d. Rita sobre quem tinha sido o seu sedutor, respondeu sempre que não sabia, «que ninguém tinha sido»...

Com a volta do sr. José Alves Pinto para S. José da Bela Vista, conseguiu saber a verdade. Festejar, não se conformando com as avaliações da orfã, apertou-a até conseguir a resposta desejada.

Foi então levado o facto ao conhecimento das autoridades locais, que responderam não poder tomar providencia alguma por já haver passado muito tempo.

As juiz dos orfãos foi também dirigido um officio, nada se conseguindo d'elle até agora.

Como último recurso, foi dirigida sua carta ao padre sedutor, apelando para os seus sentimentos,

para que não abandonasse a pobre orfã, que lhe desse ao menos uma pensão.

Sem dúvida a sua resposta foi que se fossem deixar ao bispo...

Eis aí, relatado fielmente, singelamente, o facto tal como elle foi contado pelo próprio sr. José Alves Pinto a mais de cinquenta pessoas da cidade de S. Joaquim.

O padre Nicolau Paolino encontra-se agora em S. Joaquim, onde o escândalo parece ter sido abafado com algumas notas de cem mil réis.

Pelo menos é isso voz corrente naquella cidade. Diz-se que o sr. José Alves Pinto escreveu ao padre Paolino exigindo-lhe uma indemnização de 3:000\$ e que este, não se conformando com isso, contratou um advogado para defender a sua causa.

Este chamou ao seu escritório o sr. Alves Pinto para entrar em accordo com o padre defforador.

E, segundo corre, o accordo foi estabelecido, recebendo o dito sr. a quantia de 500\$ com a condição de se passar ao padre uma declaração, na qual fosse desmentida a accusação que lhe é feita de autor do defforamento da orfã Maria José.

O vergonhoso escândalo não poderá, porém, ser encoberto porquanto já é do dominio público em toda a zona de S. José da Bela Vista e em S. Joaquim, havendo mesmo documentos importantissimos que o provam exuberantemente.

Ao que parece, as autoridades competentes já instauraram um inquérito sobre o crime e o juiz de orfãos já tem em seu poder os elementos necessários para proceder contra o padre d. Juan.

A população de S. José da Bela Vista está indignadissima com o padre sábro, que ali deixou bem evidenciada a sua conduta de tipo devasso.

Esse sábro de batina por toda a parte onde tem estado a explorar a ignorancia dos pobres de espirito tem deixado grandes recordações de seu proceder de corrompido conquistador de pobres moças.

Em Matto Grosso de Balatais, onde também esteve, depois de viver por muito tempo com uma mulata, que dele teve diversos filhos, abandonou-a na prostituição.

Nesta cidade continua elle a ser o mesmo tipo corrompido e safarda de sempre.

Ai tem o povo crente de S. Joaquim o tipo que se diz seu pastor, que se alvorou em defensor da integridade da familia.

E ainda haverá maridos que permitam que as suas mulheres se ajoelhem diante do tal homem? Ainda existirá pais que admitam que suas filhas frequentem a igreja?

Quando se resolverá o povo a correr essa raça maldita a chicote e a reduzir a cinzas esses bordéis de última escola a que dão o nome de igrejas?

Festa social no Rio

Na sede do Centro Cosmopolita, á rua do Senado, 217, realizou-se á sábado, 26 do corrente, uma boa festa de propaganda social em favor do jornal libertário Guerra Social.

O seu programa é o seguinte:

1.ª parte — Conferência pelo operário Cecilio Vilar sobre o tema: O suplicio do povo.

2.ª parte — Poemas pelo operário S. Barbosa e a menina Carolinã Boni.

3.ª parte — «Marselheza do Fogo» e «1.ª de Maio», hinos cantados pelos alunos da escola 1.ª de Maio, sob a direcção do operário P. Matera.

4.ª parte — Quermesse e baile familiar.

As pessoas que se interessam pela causa operária poderão precurar os cartões de ingresso nos seguintes locais: Redacção da Guerra Social, rua do Senado, 196; Federação Operária (à noite), rua General Camara, 335, e Escola 1.ª de Maio, rua Sousa Franco, 64, Vila Isabel.

Pela Paulista

Por toda a proxima semana, e nosso companheiro José Romero iniciará uma viagem de propaganda do nosso jornal e de cobrança dos seus assinantes, visitando em primeiro lugar as seguintes localidades: Vila Americana, Limeira, Cordeiro, Rio Claro, Araras, Palmeiras, Descalvado, Santa Rita de Passa Quatro, etc.

Refutação á sétima conferência do bonzo Júlio Maria

III

Passemos a outro tópico do bonzo Júlio. A Igreja, bonzo Júlio, nunca nos defendeu contra o despotismo. Se tu ignoras isso nós t'o ensinaremos mesmo sem cobrar-te nada.

Ora, estudando a história da Igreja (vide Mosheim, Fleury, Neander, Henricou Cantú), vemos que nos três primeiros séculos ella foi tenazmente perseguida, não por todos, mas por alguns imperadores romanos (Nero, Domiciano, Trajano, M. Aurelio, Severo, Maximino, Bocio, Valeriano, Aureliano e Maximiano); e se a Igreja (papas, bispos e demais clero) não se podia defender a si mesma contra as perseguições daquelles déspotas, como podia defender o resto dos cristãos, que, por isso mesmo, ás dezenas, eram pasto das feras do circo? Depois de terminadas as perseguições, o que é que nós vemos?

Simplymente isto: — a Igreja aliada a Constantino, no ano 312, num infernal conculu para explorar a credence dos povos. Este imperador, 5 vezes assassino, cumulava de riquezas; e os bonzos começaram logo a cobrir-se de pedrarias, ouro e púrpura e a crescer em orgulho e arrogância. No ano 825, porém, a Igreja solicita de Constantino, seu aliado, o auxilio do braço secular para reprimir ario e seus sectários, os quais são perseguidos e trucidados e seu chefe desterrado.

Pouco tempo depois (em 395) sobrevem as primeiras invasões bárbaras, que de tudo fazem taboara, excepto da Igreja. Porque? Milagre? Não! Porque os bonzos, com a hipocrisia que lhe é peculiar, saem ao encontro das hordas, e por meio de mil presentes agradados e bajulações, (1) conseguem insinuar-se e acabam dominando-as com detrimento da honra das mulheres dos proprios bispos (2). Mais tarde, a Igreja alia-se a Pepino o Breve e Carlos Magno (seculos VIII-IX), os dois protetores natos da Santa Sé, que a enchem de riquezas e dão-lhe extensos domínios temporais á custa do sangue dos lombardos, saxões e outros povos.

Anterior a essa época, o concilio de Macon de 585, decreta o pagamento dos dízimos sob pena de excomunhão em caso contrario; Carlos Magno, em 779, torna-o obrigatório (3); e em consequência disso a Igreja acumula enormes riquezas em bens fundiários e propriedades imoveis; os bispos tornam-se senhores feudais, verdadeiros reis, não de direito mas de facto; cunham moeda, cobram impostos, levantam exércitos, possuem muitas concubinas e as suas terras são lavradas por milhares de escravos, de cujas mulheres cobram o direito de perna (4).

E que diz a tudo isso o bonzo Júlio Maria?

Tornada uma formidável potência temporal e por ventura mais tirana do que as outras, os estados da Igreja tinham, pois de, necessariamente, sublevar-se contra a tirania da sua infame madrastra; e assim é que desde o ano 896 até 1859 vemos uma série de rebeliões dos súditos pontificios contra o despotismo dos papas, ás quaes alógaram em sangue com o auxilio das haionetas estrangeiras (5).

E... argumento o bonzo Júlio Maria contra os factos da história... Quanto á inviolabilidade da personalidade humana, que o bonzo Júlio Maria diz que a Igreja sempre respeitou, isso até nem vale a pena refutal-o porque nos tomaria muito tempo e espaço, que não podemos absolutamente dispensar, contentando-nos com indicar ao estudioso leitor a «História Universal» de Cantú, a «História dos Papas» de Laohatro, a «História das Perseguições Religiosas na Europa» de Torres de Castilha, a «História da Inquisição em Portugal» de A. Herculanu, a «História da Inquisição em Espanha» por A. J. Lorente, a «História dos Mártires da Liberdade» de A. Esquivós, a «História da Luta entre a Sciência e a Teologia» por A. D. White, a «História Intelectual da Europa» de Draper, além doutras muitas obras que seria entadonho enumerar.

E por hoje aqui ficamos até o próximo numero.

José Martins

(1) Cantú, «Hist. Univ.», t. VIII, cap. XI.

(2) Ora, vejamos de que meios de-cesitas, contra muitos outros que nos seria fácil citar, usava a Igreja para conquistar os bárbaros! — Um bispo, querendo captar as boas graças de um chefe bárbaro para que este lhe deixasse os seus domínios temporais,

entregou-lhe a mulher para que a prostituísse, preferindo ser... complacente a fazer algumas concessões. (P. Derfou, A. Peratoner, A. Pessoa e outros, «Hist. Univ. da Prostituição», t. V, cap. VIII Lisboa, 1887).

(3) Cantú, «Obr. cit.», t. VII, p. 241. (4) Eugenio Sué, «Los hijos del Pueblo», edic. hisp., tomos II e III; E. Bossi, «Obr. cit.», p. 181, «notas»; T. de Castilha, «Hist. das Persegui. Relig. na Europa»; tomos I, II, III e IV; Cantú, «Obr. cit.», t. VIII; A. Herculanu, «Hist. da Inqui. em Portugal», t. III.

(5) Bossi, «Obr. cit.», ps. 71-2, «notas»; T. de Castilha, «Obr. cit.», t. V, p. 830; Barcelona, 1866.

Correspondência de Pelotas

Para que se aquilite do progresso feito pela jesuitada exploradora da nossa terra, bastará ver como um grupo de cidadãos julgou ser popular a comemoração do centenário da cidade. Missas e procissões estão inclusas no desenxabido programa das festas, que tudo poderão representar menos a população da cidade, porque nem todos têm pela mesma cartilha. O povo de Pelotas tem crédos diversos e há quem não os tenha de caracter religioso e, portanto, uma festa popular que recorre a missas e procissões peca pela base, convertendo-se em triste verdade de que os padres ainda encontram seres obtusos, hipocritamente r-tulados de diplomatas e posições sociais inferiores.

O fito desta correspondência de hoje é fazer ver até onde chegou o desrebo dos padres, como o santarrão que anda a apa-centar os rebanhos de um dos arr-baldes de Pelotas — a Luz.

Pela noticia que aqui vai e ex traída do orgão official do partido que se dia mantenedor da doutrinas positivistas de Comte, ver-se-á como se abusa da inocência e da ignorancia mesmo dos que não tiveram a felicidade de se livrar do padre: Domingo, por occasião da missa celebrada na matriz da Luz, s. revma. monsenhor d. Francisco de Campos Barreto, digno bispo diocesano, foi ali recebido pela Irmandade da Senhora da Luz, rev. vigário Miranda e povo.

Por essa occasião uma senhorinha saudou o illustre prelado, pronunciando estas palavras: «Eramo. e revmo. sr. Em nome deste lugar de Luz, que mereceu a s. exa. revma. paternais cuidados, elevando-o á categoria de sede parochial, eu vos saúdo com entusiasmo, congratulando-me com esta visita, que, certamente, contribuirá muito para o seu engrandecimento moral.

Sinto que tivesse sido eu a escolhida para dar a v. exa. revma. as boas vindas. Tenho pena de não ter a inspiração dum Castilhos ou possuir o genio de Cícero para, em deliciosos alexandrinou ou em frases bordadas de arabescos de prata, cantar as alegrias de v. exa. revma. acaba, hoje, de proporcionar aos habitantes da Luz. Ade v. exa. revma. bemvindo e digno se de aceitar os protestos de filial amor do povo desta grei agrada ao báculo pastoral de v. exa. revma.

Viva o exmo. bispo de Pelotas d. Francisco de Campos Barreto! O viva foi correspondido entusiasmaticamente, jogando flores sobre d. Francisco algumas meninas.

Um jesuita, um padre recebendo flores lançadas por mãos inocentes é mais do que triste, é revoltante, é indigno de ter por cenário uma cidade como esta, que se intitula de centro intelectual, quando, na verdade, parece estar catalogada entre as mais ignorantes e carolas aldeias espanholas... Além disso, expõe-se ao ridículo uma mocinha, ensinando-a a repetir um discurso repleto de aseir... Francamente, não é só a Espanha, na Europa, que está amarrada aos pés do charlatão do Vaticano: o Brasil já começou e foi preciso que viesse a República para um estado tal de aviltamento do caracter e consagração da ignorância.

Enfim, um dia acabará esse hipocritas da grande corja do Vaticano. Octavio Elleux.

«IDEAL» Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reprodução na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da Guerra Social, Caixa postal, 1497, Rio.

E' vendida em beneficio do mesmo jornal a 300 réis cada exemplar.

«Zantera» em Pelotas

Na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, assim como nas localidades circumvizinhas, á agude da nossa folha o sr. José Maria Benta, residente á rua Antonio Neves, 100, que está trabalhando a trazer a luz de todos os pontos da cidade com a Zantera.

Vida operaria

EM S. PAULO

Sapateiros — Com boa concorrência, realizou-se no domingo a assembleia do Sindicato Geral dos Artífices Sapateiros.

Foram tomadas diversas decisões de caracter administrativo e eleita a comissão executiva.

Graficos — A greve do pessoal da Sociedade Artes Graficas encontra-se na mesma situação.

Os grevistas reuniram-se e resolveram manter a luta até o consequimento do seu pedido de aumento de salario.

A União Grafica distribuiu um bem elaborado boletim á classe em geral, convidando-a a auxiliar os grevistas.

As listas distribuidas já reúnem uma regular quantia.

Trabalhadores em madeira — A Liga dos Trabalhadores em Madeira reuniu-se em assembleia geral na quinta-feira passada, tomando diversas deliberações sobre os trabalhos de organização da classe.

Alfaiates — A sociedade dos alfaiates, na sua assembleia de domingo, resolveu realizar uma sessão de propaganda na proxima quinta-feira á noite, no salão S. Paulo, no largo do Riachulo, 36.

Opinião de padre

No Intransigente, de Lisboa, um prior protesta contra as perseguições abusivas exercidas pelos seus colegas ricos de Lisboa contra os párcos pobres que aceitaram do Estado português a pensão determinada pela lei de separação.

Depois de ter mostrado como os priores e prelados perseguidores infringem as leis canonicas e civis, depois de ter afirmado, como um vulgar anticlerical, que a «justiça de padres foi sempre assim em todos os tempos», e que «ódio de padre não cansa», o prior aproveita a imparcialidade da folha de Machado Santos (imparcialidade gabada até pelos mais ferrenhos clericais) para dizer entre outras coisas o seguinte:

O que fizeram os bispos, que fizeram os priores para que os padres não aceitassem um beneficio que a República lhes concedia? Os bispos, tendo reunido em S. Vicente, logo após a implantação da República, 65 mais tarde publicaram a Pastoral Coletiva, que renegaram quando se lhe exigiu a responsabilidade do que nela diziam, deixando o venerando bispo do Porto assumir por todos a responsabilidade que a todos pertencia.

Este acto de fraqueza e má fé nada o desculpa! Perante este procedimento, qual devia ser a attitude do clero? O clero estaria á espera de que os bispos falassem, quando falaram, renegaram o que disseram, havendo só um que se conservou no seu posto?

Que instruções deram elles ao clero, relativamente ás pensões? Nenhuma; pelo contrario é positivo que Pio X mandou que os positivistas fossem respeitados.

O clero esteve á espera de que os bispos lhe dissessem alguma coisa, o animassem e lhe garantissem qualquer auxilio na sua pobreza. E os bispos calados sempre! Ora, se os bispos foram os primeiros que ajoelharam perante a República, respondendo ao officio do sr. Bernardino Machado de uma maneira suberviente, com officios que não transcrevemos, porque foram publicados na imprensa; se o próprio bispo de Coimbra pediu perdão ao actual titular da justiga por causa do benepficio e de uma forma que espantou toda a gente; com estes exemplos, que havia de fazer o clero, que não é prior, que não tem heranças, nem subscrições, nem patrimónios, que lhe garantam viver, rindo-se da pobreza?!

Fez o que fizeram os bispos e os conegos e outros illustres padres, que chegaram a mandar, durante meses, as folhas processadas para o ministério, pedindo os honorários que recebiam; isto é, se a República lhes pagasse, elles aceitavam; como a República acabou com os honorários e estabeleceu as pensões, elles queriam, não o tanto, mas os seus cinco vitens. Era questão de nome!

Que fizeram os priores? Esses, impando de gordos e anafados, com bestas ricas e quem intrujam, e com quintas, predios e accões de companhias, e ainda com o rendimento das freguezias, que lhes dão mais que o sufficiente para viver, porque a Igreja foi sempre uma mina inexgotavel para aqueles que sabem exploral-la, esses correram, pimpões e inchados, a declarar que rejeitavam as pensões, mas não falaram no resto do clero, nem na circumstancia em que ficava; e como elles a rejeitaram, todos deviam seguir o exemplo de tão seraficos e evangélicos varões, cujas virtudes e sacrificios feitos á Igreja, por intermédio dos coajutores, são notoriamente conhecidos e apreciados.

Elles tasm chorado as suas misérias, publicas e particularmente: tasm arranjado subscritores, que lhes dão mais do que aquilo que ganhavam anteriormente e em beneficio do resto do clero resolveram pedir para elles a suspensão e tirar dos coajutores a suspensão que lhes pertencia; e á última deliberação de tão virtuosos e caritativos varões!

Os priores de Alcantara e de Santos foram os primeiros a executar o compromisso, assim no-lo asseveraram, e para isto servem-se elles do argumento do que a lei não fala em tesoureiros, quer dizer — só admitem a lei para defraudar os colegas... Para isto já lhes serve a lei de separação!

Houve quem protestasse contra isto e contra as suspensões, mas quem isto escreve não foi ouvido, porque, infelizmente, a Igreja alimenta muitos sepulchros cheios de vermes no interior e catados por fóra. Assim chamava Cristo aos hipocritas e fariseus!

E escreve mais alguns parágrafos neste tom o prior católico.

Não são anticlericais que assim falam.

As igrejas-cinemas

De uma carta de Italia para o Diario de Noticias, de Lisboa, extralimos o seguinte:

«O Vaticano decidiu permitir as projecções cinematograficas nas igrejas. Este facto justificaria quaisquer comentarios de surpresa se não tivesse em conta as especiais circumstancias e as especialissimas limitações que explicam a citada deciso do Papa e determinam o seu alcance e objecto.

Desde alguns anos, fundaram-se em toda a parte umas sociedades que tem por fim servir-se do cinematografo não sómente como instrumento de instrução e educação mas tambem como uma verdadeira e propria illustração da história sagrada e do catecismo.

Estas associações — que se fundaram primeiramente em França, onde adquiriram um desenvolvimento extraordinario — estenderam-se a multissimas nações da Europa e norteamericanas.

Os bispos e arcebispos insistiram multissimo, supplicando ao pontifice para que lhes consentisse o utilisar tambem nas igrejas, como complemento do ensino do catecismo, particularmente nas povoações ou aldeias pequenas, onde o clero dispõe de outros locais apropriados para esse objecto. E, com effeito, o Papa deu a permissão que lhe pediam tantos prelados.

Comtudo, esta permissão papal está subordinada ás seguintes condições: «sine qua non», para similiaes espectaculos educativos-religiosos:

1.ª Na igreja deve-se ha primeiramente tirar o Santissimo Sacramento;

2.ª As mulheres estarão separadas dos homens;

3.ª A igreja estará sempre iluminada, excepto no momento em que se fizerem as projecções;

4.ª O párcos achar-se-ha sempre presente e deverá exercer sobre as pelliculas cinematograficas a mais escrupulosa vigilancia;

5.ª Estes espectaculos não poderão celebrar-se sem a permissão dos bispos das dioceses, os quaes, querendo, poderão negal-a se o julgarem oportuno.

Ainda que limitada desta fórma, a concessão que acaba de fazer o Vaticano é symptomática, porque demonstra que tanto o Papa como o clero reconhecem que o cinematografo chegou a ser um poderosissimo meio de propaganda.

Já por várias vezes aqui falámos deste assunto, prevenido até que a Igreja havia de lançar mão deste meio cada vez com mais entusiasmo.

E' preciso lutar pela vida, não se deitar vencer pela concorrência e por-se ao corrente do progresso material.

PELA SOROGABANA

Em viagem de cobrança e de propaganda do nosso jornal, começou a percorrer a linha Sorocabana o nosso companheiro Emilio Reinoso.

Todos sabem que esta folha vive exclusivamente da contribuição dos seus assignantes, que, por isso mesmo, se devem esforçar para andar em dia com os seus pagamentos, da mesma forma que nós emprestamos toda a nossa actividade ao jornal para dar-lhe a divulgação necessaria.

14 de julho

O Circulo Francisco Ferrer realizou hoje á noite uma sessão de propaganda sobre o 14 de julho em sua sede social, sita á rua da Moeda. A entrada será franca.

EM PELOTAS

Scandit fatalis Machina Muros

Iludidos por Sinon, os troianos demitiam paredes e arrastam a trinchira de Pergamo. Todos se apressam. Rolos são colocados sob os pés do monstro; resistentes cordas o prendem; enorme massa de povo se...

A fatal machina transpõe os muros.

scandit fatalis machina muros

Quão trágico não é esse episodio, em que um povo inteiro trabalha, alucinado, a sua própria perda!

Como contrasta a alegria-céga dos troianos com esse momento terrível em que se prepara o seu proprio exterminio!

Quanto mais horrorosamente contrasta, porém, com o acontecimento lúgubre, essa ingenuidade, essa confiança despreocupada de mancebos e donzellas a auxiliarem o trabalho funesto, atrelando-se jubilosos ao monstro convertido em objecto de seu regosio, quando ameaça, sinistro, a sua cidade, o seu lar, a sua vida!

Loucos, festejam antecipadamente a sua própria ruina, entoando, inconscientes, o cantochão sobre o seu proprio tumulo!

Que lição estúpida, que advertência solene é, para todos, esse quadro horrondo.

Quem nos dá o fulgor da mentalidade de Virgilio para grava-la no espirito de quantos nos lêem, a fim de que compreendessem o paralelo frisanste que existe entre o estratagem grego e os recursos empregados pelo clericalismo moderno, no sentido de apoderar-se das consciências.

Convencido da improficuidade, nos nossos dias, de meios violentos para o consequimento dos seus fins, recorre o sectarismo obscuro á astúcia, e, por meio dela, vem, desgracadamente, realizando os seus intentos. Da mesma sorte que outrora os gregos penetraram na heroica cidade que se conservára irredutível ante os embates de hostes aguerridas, preparou o clericalismo um engenho fatal, uma machina verdadeiramente infernal, muito, multissimo mais temivel do que a grega e hoje, em triumpho, introduz-la no seio desta cidade, sob a forma do bispo!

Como então, a mocidade confiante, tanto como a velhice ludibriada, atrela-se á machina de guerra do clericalismo, ao carro da impostura e, entoando hossanas e desfolhando flores, festejam, inconscientes, a sua morte moral.

Pois desta, a morte d'alma, mil vezes mais horrorosa do que a mais horrorosa das mortes físicas, que traz no seu bôjo o monstro óra aqui introduzido festivamente.

E, ao contemplar esse quadro com-tristador, não podemos reprimir o brado que nos emana da alma: «Acautela-te povo! Escuta!

Esses homens que se dizem emulos de Cristo são a sua mais flagranste negação!

As pompas de que se cercam apenas se destinam a ofuscar o teu entendimento!

A autoridade que se arrugam não é legitima — é escandalosa usurpação!

Impuzeram-te, por meio da tua propria vaidade habilmente trabalhada, esse outro homem que intitulam — príncipe da Igreja.

E, esse homem é simultaneamente obra e obreiro da impostura.

Ele não representa nem visa os interesses da religião, que são os descrentes; mas aqueles da sua grei, que são os dele.

Ele é a negação viva do Cristo, pois, este não tinha uma pedra sequer em que se repousar a cabeça veneranda: esse homem habita em moradas suntuosas.

O Cristo tinha a cobrir-lhe o corpo uma túnica apenas; esse homem se veste de seda e europeus.

O filho do carpinteiro tinha a ornar-lhe a fronte sobre tão sómente a cabeleira basta e o nimbo da verdade; grosseiro cajado amparava-lhe o passo; esse homem ocala o crânio sob a mitra reluzente e empunha o báculo dourado para desviar o teu olhar, a fim de que não desven-des a expressão do seu rosto.

Esse homem não te abençoa em nome de Deus, como afirma por cúmulo de hipocrisia.

Ele simula tal, em adoração a Mammon, pois que o faz por dinheiro e com vistas em futuros proventos.

Hipocrita é ele tambem por exaltar-se como sendo dos primeiros, dizendo-se príncipe quando o Cristo sentenciou: «Aquele dentre vós que quiser ser o maior seja o vosso servo!»

Ele é hipocrita ainda porque anela poder e mando — quando o Cristo disse: «Meu reino não é deste mundo!»

Hipocrita é sobretudo porque des-avia em beneficio proprio recursos importantissimos, subtraídos ao alivio das misérias, ao amparo dos fracos, enfermos e velhos, quando o Cristo precitou: «Não vos deis ao trabalho de possuir ouro!»

Ele é a antitesse viva do Cristo porque a religião é um sentimento que desabrocha e floresce sob a égide da abnegação, á sombra do precito — «Daí de graça aquilo que de graça recebestes»; e esse homem tudo faz pagar, reputando o erro e a mentira a elevados preços.

As suas doutrinas são o mais flagranste desmentido da moral cristã, da religião universal — porque vem dizer que — fóra de sua Igreja não há salvação!

Ao passo que repete: — «Deixai que venham a mim os pequenos!» — frequenta e se rodeia dos ricos e poderosos, atirando aos pobres as migalhas dos festins que dá e expensas da miséria física e moral.

Jesus a todos atenda solicito e de preferencia aos pobres e estropiados. Esse homem pequenino, que desapparece sob verdadeira montanha de ornamentos, nega o seu auxilio gratuito ate quando ele proprio afirma ser indispensavel a salvacao.

Acute-la-te povo! Escuta! Estuda com atencao as doutrinas dos Evangelhos e compara-as ás doutrinas e praticas desse homem que hoje penetrou em teu seio.

Esse estudo, essa comparacao te esclarecerá sobre as pretencoes e meios desse impostor que se irige em idolo, em fetiche intangivel.

Compreenderás a diferenca que existe entre a verdade cristã pura e aquele amontoado de absurdos e abusos que tal homem tem a ousadia de inculcar como sendo a expressao genuina do cristianismo.

Saberás distinguir o sectarismo ferrenho, o dogmatismo obscuro, da religião de luz que tem por base o amor ao proximo pelo amor de Deus, á verdade, á justiça e que tem por lema:

«Bemaventurados os que tem o coração puro»

Esta não é a religião do mitrado. Ele te aconselha a despir manto e túnica para poder viver no fausto, sem que nada ofereça para cobrir a tua nudez.

Ele chama *bemaventurada* a tua fome e tua sede, ao passo que se banqueteia.

Ele chama *bemaventurada* a pobreza do teu espirito, que ele habilmente explora.

Aponta-te o céu e te ameaça com o inferno para destrair-te enquanto te alivia as algebras.

Manda ganhar ao suor do teu rosto o pão negro de cada dia... para ti e os accepiens... para ele!

Nada produz de util, de bom, de belo.

Por toda a parte semeia superstições e erros que lhe trazem ricos proventos.

Faz-te pagar a entrada na vida, lança impostos odiosos sobre todos; os direitos naturais, sobre todos os actos da existencia e grava a propria morte com contribuições fraudulentas.

Extorque á viuvez e á orfandade o produto da propria caridade, a humilde e humilhante camola, a pretexto de salvar tua alma, quando na verdade visa apenas refocilar a ociosidade, a todo o transe.

Em nome do Cristo rouba-te as filhas, introduzindo-as, pela porta infernal do confessorio, no antro da criminosa inutilidade — o convento.

Perverte a tua mulher, impondo-lhe a sua autoridade em detrimento da tua.

Induz os teus filhos a te odiarem, em nome do Deus de amor, quando ousas sublevar-te contra a impostura!

Acute-la-te povo! Escuta!

Repele sem piedade esse corifeu da mentira arvorado em representante de Deus.

Kapula sem dó do teu lar quando lá se apresentem os seus emissários de qualquer sexo.

Estijas vigilante. Não te deixes ludibriar pelo canto de sercia desses profanadores do cristianismo, desses Iscariotes modernos.

Responde-lhes que amas a tua prole, os teus semelhantes; que cultas o dever, a verdade, a justiça, o bem, e que é essa e não a deles a religião de Cristo.

Dize-lhes que a humanidade necessita de luz e de amor, e não das trevas e dos odios do sectarismo interesseiro.

Basta de abusos e de crimes, de erros e mentiras, de torpezas e de vergonhas, fomentadas á sombra da religião.

Que esta mais não é do que o sentimento de solidariedade universal, cultivado a todo o momento, no lar, na escola, na officina, na rua, no cárcere, no hospital, no proprio lupanar.

Que a religião é a abolição de todos os preconceitos e de todos os privilégios. Que ela é a fusão, em suma, em um só rebanho, da humanidade inteira, tendo como pastor o Cristo, personificando o ideal superior da justiça, a conduzir-nos ao reino da paz, ao reino da fraternidade, ao reino de Deus, na terra como nos céus!

Quando não, ai de ti povo!

Como os habitantes de Troia terás entoadado o teu último canto, o canto da morte, sobre a tua propria alma!

Verô.

Bilhetes e recados

Itauna — F. P.: Seguiram os pacotes pedidos. Daria uma boa noticia o tal facto. Que acha? Saudações.

Américo Brasileiro — J. C.: Fizemos a transferencia de sua direcção. Saudações.

Monte Azul — F. R.: O jornal do assinante indicado tem sido remetido para Bebedouro desde que o amigo isso nos recomendou. Saudações.

Florianópolis — C.: Recebemos o jornal e o boletim. Esplendidos! Não nos deixe sem uma correspondência sobre o caso. Saudações companheiras de luta dai.

Pitangui — J. M. de F.: Já seguiram os ns. que nos pediu.

Rio Claro — B. J. F.: Agradecemos pela solicitude com que nos prestou as informações por nós pedidas. Saudações.

Ribeirão Preto — J. R. de O.: Recebemos sua carta, a qual vamos responder. Vamos distribuir os estatutos. Saudações.

"HUMANIDAD"

Excelente revista quinzenal de educação e cultura social, de Valencia, Espanha.

Assinatura, ano, \$5000.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importância, devem ser endereçados ao representante J. M. Bueno, Rua Nova S. José, 97, S. Paulo.

"A Sementeira"

Publicação mensal ilustrada de critica e sociologia de Lisboa.

Inserer retratos e biografias de escritores e artistas revolucionarios e litterarios, como (entre os últimos publicados) Wagner, Ems Goldman, Teherlohenky, Hapsardi, Guyau.

Assinatura anual: 1\$200 (moeda brasileira).

Assina-se nesta redacção.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1887

Excusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado

Pereira & Comp.
Avenida Rangel Pestana, 6º
— S. Paulo —

O espadachim acentou as suas palavras com uma gargalhada tenebrosa e inclinou-se para o padre:

— Compreendi bem o vosso pensamento, mestre?... Não é verdade que o condenastes?... Não é verdade que contastes commigo para...?

— Basta! ordenou Geriout.

E com os olhos baixos, ajuntou lentamente:

— Faze o que o teu coração e o interesse da Igreja te mandem. Farnac levantou-se e disse:

— Basta! Amanhã cedo estarei morto esse homem!

E dirigiu-se rapidamente para um postigo lateral praticado no fianco da basilica.

O arcepreste contemplou com admiração o esbelto e nervoso porte do valentão que se afastava com a mão no punho de aço brandido da sua espada. Um sorriso de alegria feroz lhe iluminou o rosto, como um relâmpago ilumina um céu livido de tempestade. A seu turno, levantou-se.

Agora Geriout falava ao povo atento e mudo. Co.a s vista no céu, a fronte inspirada, dava os sublimes resultados da sua oração. Deus queria o perdão!... E, apontando para Salvério com grande noção no gesto, acabou por dizer:

— Esse homem está livre!

A multidão agitou-se, vacillou um instante. Depois estalou, de uns para os outros, uma tempestade de aplausos e aclamações. Salvério permaneceu altaneiro e pensativo, procurando comprehender. Vier de Maio aplaudiu com o povo.

— Oh! como sois bom! disse ele a Geriout.

O padre curvou-se para ele de subito, murmurando com voz ardente:

— Por tua causa, por tua causa, fica sabendo, só por tua causa é que lhe perdôo...

A' venda em nossa redacção:

História da Luta entre a Ciencia e a Teologia
POR
A. D. White

Antigo reitor e professor de Historia da Universidade de Cornell e embaixador norte-americano em Berlim.

Verão portugueza de

Carlos Babo e Manuel Bravo

Volume de bom formato (32 por 16) de 500 paginas, papel asstinado, edição esmerada, brochado com capa ilustrada.

Preço — 3\$000

É uma das mais notaveis obras sobre o assunto, tratado com seriedade de proposição, profundiza de vistas, vasta erudição e criterio verdadeiramente scientificos. Tem sido traduzida em varias linguas, sendo a versão portugueza feita com consciencia fidedelidade, prefaceira e anotada com competencia. É um livro emfim que se pode aconselhar afoitamente.

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymundo Reis, com 127 poesias e 168 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de 2\$500 o exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio, nas livrarias Alves e Magalhães, a 3\$000 o exemplar.

Vende-se tambem em nossa redacção pelo preço de 2\$500. Pelo correio, 3\$000.

'A Velhice do Padre Eterno'

Temos novamente a venda, a 2\$000 o exemplar, este sempre empolgante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

'A LANTERNA'

Nesta capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornaes, do sr. Antonio Seafino, rua 15 de Novembro, 51;

Salão de Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140.

Ventura Sierra, rua Conselheiro Ramalho, 166.

Salão de Egraxate, largo da S4, 5.

'A Lanterna' no Interior

É encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Solles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogi das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.

Em Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Alnotto & Irmao.

Em Cataguases, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Comercio 1 — A.

Em Florianópolis, com o sr. Valente Farinha, rua Republica, 4.

Em Curitiba, na agencia dos srs Pajubá & Reis, rua 15 de Novembro, 5.

A moça ficou absorta, com um grande irio no coração, e encostou-se á parede do pórtico, pallida, transtornada pelo terror. Parecia-lhe que acabava de se lhe revelar um grande perigo. Instintivamente, dirigiu a Salvério um olhar de angústia.

A multidão dissobria-se, retirava-se e as sombras da noite caíam pouco a pouco sobre a rua. Momentos depois, sob o grande pórtico sombrio, restavam apenas aqueles três seres immobilizados por dramaticos pensamentos: Geriout, Salvério e Flor de Maio. A joven destalecida pela repentina sensação de horror que acabava de a assaltar, ali permanecia, sem forças.

— Oh! João! murmurou ela; meu querido João!... onde estás?

O padre baixou a cabeça e dirigiu-lhe o raio debl e perscrutador dos seus olhos.

Salvério deu um passo e agarrou Geriout por um braço, mas este, prevendo a ameaçadora pergunta que de novo lhe ia ser feita, apressou-se a falar primeiro.

— Pois bem, sim! disse-lhe em voz baixa. Estais no vosso direito! Compreendo!... Arrependo-me do passado... A prova é que, tendo podido fazer-vos matar pelo povo, entregar-vos ao verdugo, dei-vos a liberdade...

— Minha filha! exclamou Salvério. Que fizeste de minha filha?

— Resolvi... Interrogou o Senhor... E o Senhor respondeu-me que haviais sofrido bastante e que é justo reservar-vos um quinhão de alegria...

— Minha filha! replicou rudemente Salvério.

— Amanhã tudo sabereis!... Amanhã... voltai amanhã.

— Quem me prova que não mentes?

— Que necessidade tenho de vos enganar? Bastar-me-ia ter feito um sinal e estareis morto...

Salvério refletiu um minuto. Largo o braço do eclesiástico e disse:

— É certo!

Amanhã, proseguiu Geriout, amanhã a esta hora estareis aqui... E tudo sabereis... Juro-o pela minha parte de paraíso... Sim... sim, amanhã a esta hora, vinde ter commigo e juro que decerto tudo...

— Seja! atilhou Salvério; amanhã as oito estarei diante do pórtico desta igreja.

Deixou então de fixar o sacerdote, que recuou e pareceu ocupar um lugar imutavel entre os santos de pedra alinhados havia séculos...

Salvério voltou-se para Flor de Maio, e com uma voz que, de rude que era, se fez suave, terna... com ternura paternal, disse-lhe:

— Minha filha, os nossos dois encontros são bastante salientes para que eu queira conhecer-vos melhor... Permittis?... Quereis dizer-me onde morais?

— Ah! disse a moça tremendo ainda e indicando uma casita baixa, quasi detronada da igreja.

— Amanhã, minha filha, me vereis... Sinto que tenho muito que dizer-vos... Infelizmente talvez beneficamente um sobre o outro... Se tendes mágoas, esperai... Suceda o que succeder, desde já desejo que se saiba bem que fazer-vos o menor mal seria fastio a mim proprio... Se algum ousasse ameaçar-vos, acceitaria eu o reptio... e então, ai dele!...

Salvério dirigiu successivamente o olhar a Geriout e a Flor de Maio. Depois, dirigindo-se ao mesmo tempo a ambos, disse:

— Ah! amanhã!

— Ah! amanhã! confirmou Geriout, que murmurou por entre dentes!

'A LANTERNA' NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE CRITERIUM, largo do Rio, 32.

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sappoahy, engraxate.

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua do Onvidor, 181, agencia do sr. Bras Lauria.

Rua do Senado, 83, com o sr. Manoel Quesada.

Avenida Passos, 129, engraxate.

Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prizai.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mano.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Juvenio Bruno.

Rua 1.ª de Março, agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguyana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 55, engraxate.

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compa.

Rua Souza Franco, 64, Villa Isabel, com o sr. Pedro E. Mata.

Largo dos Leões, com o sr. Natan Carelli.

VENDE-SE

TERRENO EM SANTOS

Vende-se um magnifico terreno medindo 14 metros de frente por 50 de fundos, sito á rua Dr. Manuel Carvalho, fazendo esquina com a avenida do Canal. Trata-se nos dias uteis com o sr. José Leite, á rua Eduardo Ferreira, 1 (Armazem).

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente está se espolhando por este vasto paiz; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante.

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alfandega, 191 — Rio de Janeiro.

Fundição e Mechanica, Avenida Martin Borchard, 146 — S. Paulo.

Coelho liquido Halley

É o melhor e o mais barato. Uma colher de coelho basta para coagular um litro de leite.

Vendas condicionaes: se não for melhor do que qualquer marca existente no mercado acceita-se o vadio mesmo violado.

DEPOSITO

Avenida Affonso Penna, 341
Bello Horizonte

Gesu Cristo non è mal esistito

A cura della Casa Editrice Mercedee Gomes Ristori, è uscito dai torchi lo splendido libro di Milesbo (avv. Emilio Bossi): *Gesu Cristo non è mal esistito*.

Impossibile è dare un'idea, sia pure approssimativa, della magnificenza e dell'importanza del libro in una breve recensione.

Il libro che raccomandiamo caldamente ai compagni ed agli studiosi in generale, trovasi in vendita al prezzo di 2\$000, spese postali in più.

De ordinazioni accompagnate dal relativo importo, possono essere indirizzate alla nostra redazione, o direttamente alla Casa Editrice Mercedee Gomes Ristori, Caixa 1167 — S. Paulo.

Biblioteca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porto e registro do Correio:

Primeira série, já publicada:

La Injuria del Clero, segun los concilios

El Diablo, por Roberto Robert.

Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.

El Romanes Antielesial, por varios autores (primario tomo).

El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Oriáiz.

Historias de la sorte eclesial, por Narciso Campillo.

Monis Secretos de los Jesuitas.

A Una Madre, por Ramon Chias.

La Democracia y la Iglesia, por Potvin.

2.ª série em publicação:

Dios, por Suñer y Capdevita.

Los Milagros por Roberto Robert.

Lo que comen los anras, por Frey Gerardo.

Viaje al Inferno, por José Nakens.

La libertad de ensianza, por Edmundo Gonzalez.

La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.

Bonitos Placidos, por varios.

Retratos de José Nakens, 12\$00 réis.

F. senda á venda

Em Bello Horizonte

Vende-se uma esplendida fazenda situada a 2 leguas desta capital, contando magnificas culturas, matias para lenha, boas invernadas em pastos fechados, 2 moinhos, engenho e machinismos para canna e fabricar saenar, etc.

Tem superiores e abundantes quedas d'agua, 3 carros de bois com suas respectivas boiadas; gados: bovino, suino e cavallar para criar, etc.; 260 alqueires de terras judicialmente divididas, além de estar ligada a terras devolutas e aproveitaveis.

A casa de morada é completamente isolada das demais dependencias, como sejam: engenho, depositos, etc.

É servida por um spá de estriboda Estrada de Ferro Central do Brasil.

Trata-se com Nicomedes dos Santos, á rua de Pernambuco, 205, Bello Horizonte (Minas).

BIBLIOTECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUÊS	
M Gerki, Os amassadores	\$200
A. de Pinho, Pela Educação e pelo Trabalho	\$200
H. Malatoja, Programa socialista anarquista-revolucionario	\$100
Pedro Kropotkin, O Comunismo Anárquico	\$100
Prof Saturnino Barbosa, Poema Transcendente	\$500
B. Peres Galvão, Eilebro, (drama antielesial em 5 actos)	\$500
Mezian Botto, O Papa Negro	\$500
Otaviano Reinelt, Um sono não ha muitas, (comedia de costumes nacionaes e 3 actos)	\$500
Carlos D'as, Sencendo para Colher	\$500
Paulo Bertheloth, Avangarde de Hora	\$200
Gnorra Junqueiro, A velhice do Padre Eterno	\$200
A. D. White, Historia da Luta entre a Ciencia e a Teologia	\$300
EM HSPANHOL	
Rutgers, Las Guerras y la Bendicção de la Follacion	\$100
Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia	\$100
C. S. Darrow, Crimen y Criminalidade	\$100
André Girard, Educación y Autoridad Paternal	\$100
EM ITALIANO	
Dottor Nicolò Coverti, Che cosa è il Socialismo	\$100
Romanzo di una Donna, Angelo Longarotti	\$500
Almanacco Libertario illustrato 1899	\$300
EM FRANCÊS	
Les Prisones, Pierre Kropotkin	\$500
L'Esprit de Révolte	\$500
René Chaugli, La Femme Ha classe	\$100
Jean Grave, L'entente post-positiv	\$200
Edison	\$200
Eliézer Reclus, A meu Praxer de Pagan	\$200
Jean Grave, Si favais á partir aux Eleitores	\$100
Charles Albert, Patrie, Guerre, Coserve	\$500
Eliézer Reclus, Evolution e Revolution	\$500
Urban Gohier, Aux Femmes	\$100
E. Malatesta, Entre Paganos	\$500
M. Nettian, La responsabilidade et la Solidarité dans la lutte ouvrier	\$500
Marc Piarrot, Sur l'individualisme	\$500
Louis Blanc, Quelques Verités Economiques	\$100
André Girard et M. Piarrot, Le Parvenirisme contre l'Ediction Ouvriere	\$100
Pedro Kropotkin, Le Salarial	\$100
La Morale Anarchiste	\$500
M. Piarrot, Transigi et Surrender	\$200
Diretor, Extrait d'un philosophe avec la marchole	\$100
Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics	\$100
Jean Grave, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique	\$100
Les Temps Nouveaux, Contre la Guerre	\$500

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importância.

Quanto á menina, foi impossivel saber se era sua filha.

O que de certo havia era possuir a Margotte algum dinheiro, pois oito dias depois da sua chegada comprou e mobilou em frente da igreja de Saint-Vulfran uma bonita casa, na qual logo se instalou. A casa era pequena e compunha-se de ré-do-chão e celeiro; mas por trás estendia-se um jardim cheio de flores na primavera e de frutas no outono.

Falou-se ainda por algum tempo da forasteira que vivia com bastante mysterio. Depois deixaram de se occupar dela. Sómente, á medida que crescia a menina, os habitantes de Abbeville admiravam cada vez mais a sua graça ingenua e a sua adoravel beleza.

Decorreram alguns anos. Sem se saber como nem porquê, succedeu que a Margotte se pôs a vender flores. Esgotára-se sem dúvida o seu pecunio, lentamente.

Andava de casa em casa a oferecer os seus ramos, cujo mesquinho produto mal bastava para lhe permitir viver com a menina.

A menina chamava-se Margarida. Mas vindo a se lado da Margotte, a correr pelas ruas da povoação, com o seu castito cheio de papoies, de rosas ou violetas, o povo, com o seu instincto seguro e deliado, completou aquele nome encantador de Margarida com um apelido mais encantador e mais poetico ainda: Flor de Maio...

Numa formosa tarde de verão — tinha elle então dose anos — Margarida tinha-se demorado nos prados onde fira segurar erva para a cabra de Margotte. Ao regressar apressadamente, cruzou-se com uma carruagem, na qual iam uma formosa senhora e um adolecente de uns quinze anos.

(Continua).

FOLHETIM DA LANTERNA (2)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARBE

Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

Primeira parte

AMOR!

III

O DIA DE AMANHÃ

PERTENCE A DEUS

Não irás ao ponto de encontro... Belleval te substituirá: encarregamo-nos de avisar... Quanto a ti... reserva-te outra missão.

Houve na sombra um ruído áspero e ligeiro: Farnac ria-se sarcasticamente.

— Adivinhei a missão que me destinais.

— Tu! exclamou o padre.

— Eu!... Não é officio meu tudo ver... tudo ouvir... tudo comprehender? E não sou eu vosso de corpo e alma?... A prova de ter adivinhado é que cinjo o meu espadão... o famoso espadão do meu digno avô...

— E então? interrogou surtamente Geriout.

— Pois bem!, replicou Farnac com a mesma ironia, o homem que se encontra sob o grande pórtico... o homem de roupa de veludo... o homem para quem a pequena Flor de Maio vos pediu perdão...

— Continua!

— Eu estava diante da igreja... Quando vi a feição que a coiza la tomada, corri á buscar a minha espada... e aqui... Quando vi surgir Flor de Maio entre a igreja... e aqui por aquele homem.